

A NOVELLA SEMANAL



BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.



Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo

A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ali dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o acessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahi, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoadá nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realincute preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, proenrará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinuando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahi, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em colleções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em authologias do grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nos-a collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreatos, contando que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volum es por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a ellos, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahi ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a nao haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e nao seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, além de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

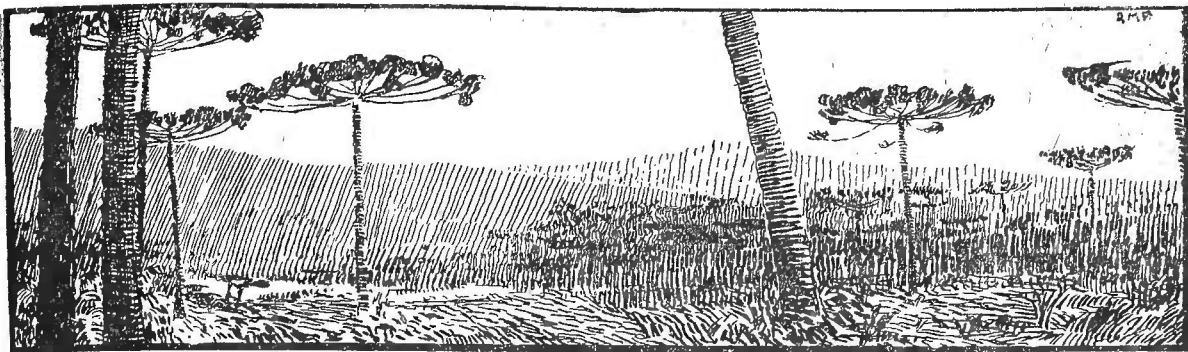
Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adiantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, offerceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



SUMMARIO

A VELHINHA — Affonso Arinos.

MA' SINA — Lucilo Varejão.

O NATAL DE VOLTAIRE — Eduardo Prado.

A ERMIDA — Rodrigo Octavio.

O PODER DE D. DOMITILLA — Viriato Correa.

O AVÔ — Godofredo Rangel.

O TIO DA ESCOCIA — Lucio de Mendonça.

SUPPLEMENTO — A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores — Uma carta inedita de Enclides.

Vida literaria — Géca Tatú na Argentina — MANOEL GALVEZ HIJO.

Curiosidades literarias — Ponson du Terrail, poeta.

— O "tautilismo," - S.

— Um discurso proferido pelo grammophone.

Os nossos poetas — Simões Pinto.

A VELHINHA

Quando, já não me lembra; mas foi em tempo que vai longe.

Passeiava uma tarde por uma rua solitaria de pequena cidade em ruina. Ao defrontar uma casinha de gelosias abertas, mergulhei o olhar indiscreto nas paredes interiores, onde me pareceu divisar télas antigas — magnificas talvez — esquecidas alli, ou melhor, poupadas á profanação de algum adélo pela providencia bemfazeja de uma lembrança querida queellas representassem.

Nesta nossa terra, onde as tradições tão depressa se apagam, tão cedo se esquecem as velhas usanças, — o encontro, muito raro de algum objecto antigo, tem sempre para mim alguma coisa de delicado e commovente. Moveis ou télas, papeis ou vestuarios — na sua physionomia esmaecida, no seu todo de dó — elles me falam ao sentimento como uma musica longinqua e maviosa onde se contam longas historias de amôr, ou se referem dramas pungentes de não sabidas lutas e miserias.

O espirito se compraz, então, no tecer uma trama de romance ou de tragedia, em que cada um dos velhos objectos vive na vida de mil personagens evocados; uma longa estrada, sinuosa e branca, se rasga para o paiz do sonho, e a alma, seguindo-a, deixa embular-se como Leilah, ao som de guzlas, ou á plangente harmonia das balladas.

O certo é que, ao perscrutar, as paredes escu-

ras de uma pobre salinha, pela janella aberta sobre a rua, não só télas descoloridas, como um antigo cravo, primoroso na fabrica, incrustado de bronze e ornado de finos labores de talha na madeira negra prenderam de todo a attenção.

— Restos de uma grandeza extincta! que triste fadario vos impelliu ao casebre mesquinho de quem por certo, vos não conhece a historia nem o valor? Cravo centenário! que languida açafata ou melindrosa sinhá-moça esflorou o marfim de teu teclado, desfiando o rythmo grave de uma dança solarenga ou, a furto, a denguiçe feiticeira de um fado villão?

Isto pensando, aderguei a uma pequena porta ao lado, cuja aldaba a mão ergue involuntariamente. Neste ponto, o sonho começado interrompeu-se e eu, desconcertado, verifiquei a indiscreção daquelle passo. Nova reflexão succedeu a esta: um pouco daquelle fatalismo a que o grande Loyola entregou a solução do primeiro problema de sua vida de peccador já redempto e de seareiro de Deus no grande agro do mundo. — Ora, se cá vierani ter meus passos, não será sem alguma funda causa ignota. Entremos.

Bati algum tempo e, não acudindo alguém de dentro, entrei sem mais cerimonia. Puz-me a examinar um quadro a oleo com uma velha moldura de madeira envernizada; representava dom João V quando infante, na posição e na idade.

Era uma criança loura de rosto vivo, vestida de camisola de seda branca com uma larga faixa azul; tinha na mão esquerda, a modo de menino Deus, um orbe, e na direita, um sceptro de marfim. A um lado, sobre uma grande almofada de velludo côr de granada, fulgia o escudo d'armas dos Braganças.

Passei ao cravo e admirei a perfeição do puro estylo Luiz XV, artificioso, arrebicado, mesureiro, revelando no bem acabado da minucia, no trabalhado do pormenor, as mil regras da etiqueta do tempo.

Na grande taboa inteiriça do fundo, sob o teclado, avultava um bello corpo de Baccho, coroa do de pampanos, trazendo nas costas, em fórma de manto regio, uma grande pelle de tigre. Aos cantos, anjinhos anafados, com cintos de rosas cahindo-lhes nos quadris roliços, abraçavam os fustes de columnasinhas e tocavam com os pollegares estendidos as folhas do acantho, como se esforçando por colhel-as.

Um leve ruído fez-me voltar o rosto e ver então, emmoldurada pelas ombreiras da porta, ao fundo, uma estranha figura de mulher, vestida de algodão muito branco, com o torso pendido a uma dôr intensa, sopitada a cinto, e a physionomia cançada, emmurchecida, repuxada de rúgas, onde mal se adivinhavam os olhos sem brilho, quasi inexpressivos, a não ser um «quê» muito fugaz de carinho, que nelles boiava ainda como uma flôr desprendida da haste e já quasi fenecida, fluctuando na superficie de um lago dormente.

Meio admirado, meio constrangido, por ter penetrado, sem mais nem menos, naquella casa desconhecida, dirigi-me para a mulher e balucei :

— Perdôo-me a confiança. Tinha andado muito pela cidade e estava com muita sêde... Bati; não vendo gente, entrei assim mesmo. Perdôe-me a confiança, não é ?

— Sente-se, nhonhô: vou búscar a agua — disse-me ella com voz trémula, e sahiu, querendo fazer-se pressurosa, arrastando pelo chão as chinnellas de couro.

Ao voltar sobre os passos para entrar no interior de casa, pareceu abafar um gemido... E lá foi, apoiando-se ás paredes do corredor, sempre curvada, premida sempre por uma dôr que seus labios não diziam, mas seu aspecto nos contava de modo a fazer pena.

Sentei-me num catre grosseiro, mesquinho, cujo assento era um tecido de couro crú, destoando do cravo, tão elegante, tão aristocratico, que até evo-

cava requintes de luxo e de galanteria numa côrte já morta.

A mulher demorou-se um pouco, polindo, talvez, o crystal de um velho copo ha longo tempo fóra do uso.

Quando voltou, corri ao seu encontro, por evitar-lhe alguns passos mais, e, enquanto bebia, demorei a vista sobre aquelles restos venerandos de uma — quem o sabe? — talvez extincta belleza.

— Agradou-lhe aquillo? perguntou-me apontando para o cravo. Foi da casa de meu sinhô.

— Mas que é dos filhos ou dos netos de seu sinhô? Elles não quizeram ficar com isso?

— Elle não deixou filhos — accrescentou a velha com voz sumida.

— Ah! não deixou filhos...

Ella abanou a cabeça e ficou alguns momentos de olhos abertos, vagos, vagos...

Eu, fingindo não perceber sua commoção, levantei a cabeça: deparou-se-me, então, dependurado num torno de madeira, um chapeo de homem.

— Mas a senhora tem um filho, não é? Seu filho faz-lhe companhia, não é assim, minha tia? Está trabalhando fóra com certeza.

Do tamborete de couro onde se tinha sentado, a velha surprehendeu-me a olhar; levantou os olhos tambem, mas baixou-os logo, escondendo o rosto nas mãos.

Esteve assim muito tempo... Depois, como que continuando um periodo já começado, disse:

— Coitado! assim desamparado... ninguem sabe!... Nem o consolo de um logar bento...

— Como!?

Ella fez-me um gesto, e por elle comprehendí que seu filho era louco. Depois, quasi por monosyllabos me fez comprehender que o desventurado, sua unica alegria, apesar de enfermo da mais triste das enfermidades, — desapparecera de casa havia mais de dez annos, sem que soubesse até então de seu destino. Era crença de todos que fóra arrastado pela corrente do rio ou tragado por algum boqueirão da serra. — «E acabou-se tudo» — accrescentou. — «Nem mais esperança, nem nada!» Depois, apañhou a barra da saia e nella tentou afogar o pranto.

— Que pagina sentida escrevestes, ó interpretes do coração humano, que dôa mais do que a só vista desse velho pergaminho mudo engelhado no rosto da velhinha! Essa dôr infinda e resignada, essa dôr desamparada e humilde naquelle despojo humano é mais dolorosa do que a do mytho immortal de Prometheu.

Tomei insensivelmente, uma das mãos da velhinha o beije-a como o de uma mãe venerada.

O cravo ancião e o quadro do rei infante, representando as passadas grandezas, diziam como através do seculos, vencendo-os, sobrepujando suas glorias, — alguma cousa innominavel, mas sempiterna, póde encontrar-se occulta na prece de um misero ou no coração de uma velhinha.

Cheguei a saber então qual a causa ignota que me guiara os passos inconscientes á pobre casa de gelosias abertas.

E — não me envergonho de contal-o — sahi daquella casa com os olhos marejados de lagrimas.

AFFONSO ARINOS.



M A' S I N A

Junto a um combustor, Luiz Gonzaga parou ainda um instante a reler, de olhos incendidos, aquellas linhas que desde a vespera á tarde, quando as recebera, lhe estracinhavam a alma.

Não, não podia ser mentira. Havia muito já que elle notava na mulher esse aborrecimento e essa impaciencia que denunciavam a iminencia duma traição.

Ultimamente, então, tornara-se ella de tal forma intratavel que ás suas mais insignificantes perguntas respondia com reviretes, grosserias, ameaças.

Era pois verdade o que lhe dizia aquella carta. Escrevera-a sem dúvida algum amigo, um dos muitos que a sua bondade de alma creára no quartel.

E embruhlado sinistramente no seu capote de guarda-nocturno, Gonzaga plantou ainda uma vez diante dos olhos o papel amarrotado. Lá estava a delação cruel, escripta com uma sinceridade que não deixava duvida :

«Si quer saber quem é a mulher com quem cason, regresse um dia de madrugada, em vez de faze-lo pela manhã, como costuma.»

Ahi, uma onda de sangue escureceu a vista de Luiz Gonzaga: as pernas tremeram-lhe, as mãos crispavam-se-lhe; e na madrugada que enlivedescia, elle teve a noção exacta da desgraça a que o seu destino o arrastava. Pois que fosse. Se era destino, por mais que fizesse, não havia meio de evita-lo.

E depois não lhe ficavam bem, como homem, aquellas acedias de energia.

E caminhando, todo tropego, pelo passeio da rua erma, Gonzaga comprimia a coronha do revolver, com uma raiva surda a maltratar-lhe o cerebro — uma raiva de tudo, de todos, de si proprio. Sempre fôra desgraçado. Naquella profissão mesmo, que abraçara desde a mocidade, apesar de actioso e obediente, jamais conseguira uma fita. Os superiores queriam-lhe sempre mal. Já fôra preso até. E para completar a má sina que o perseguia, até o filho, unico e querido, déra de tal fórma em roubar que se vira na contingencia de expulsa-lo de casa.

Recordando então este incidente, Luiz Gonzaga reviveu toda a scena desse dia distante em que tivera, por suas proprias mãos, de atirar á porta o filho, e as lagrimas da mãe que tanto o queria e se não podia acostumar a viver sem elle.

Emmaranhado nessas recordações, levava por vezes a mão á gorja, como se quizesse afastar um hypotetico barão.

O casario decrépito da rua, tinha agora, aos seus olhos, saliencias sinistras; uma igreja, no fundo do scenario, parecia-lhe uma sombra macabra na luz roxa do amanhecer; e ás vezes, o apitar gorgolejado dos seus companheiros, que se entrecruzava á distancia, sobresaltava-o, acelerava-lhe o bater das arterias.

Então parava, levava por sua vez o apito á bocca, numa resposta raivosa. E continuava a caminhar, todo curvado, como si um pensamento horrente o atraísse para dentro de si mesmo.

De subito parou admirado. Sem saber como, tinha andado até á rua em que morava.

Já a manhã clareava; vagas carroças passavam rolando para o mercado; ouvia-se o campainhar dos primeiros electricos.

Luiz Gonzaga teve de se arrimar á parede, de sufocado; o coração batia-lhe tão desordenadamente que se diria querer saír-lhe pela bocca.

Esteve ainda um instante a olhar estupidamente uns restos de sombra que se arrastavam por baixo das arvores achaparradas dos passeios graniticos.

Agora era uma incerteza dolorosa que o indecisava. Si tudo aquillo representasse uma calumnia, uma vingança de alguém que fôra repellido por sua mulher.

Plantou-se-lhe no cerebro escandente a imagem della, tão santa e tão pura. Não acreditava, não podia acreditar naquella falsidade.

Era tão horrente, tão abjecta a suspeita, que chegou um momento a repelli-la como uma afronta.

Mas sentiu qualquer coisa na mão convulsa: era a carta.

Não, era preciso saber a verdade, toda a verdade — custasse o que custasse.

Deu dois passos incertos, continuou a caminhar, num cambaleio de ébrio.

Afinal galgou a porta da escada.

Mas então veio-lhe de novo a vergonha da propria acção. Quiz retroceder e sem saber por que seguiu. Uma lampada ardia no corredor. Luiz Gonzaga foi andando pé ante pé, até o corrimão da escada. Ahi, dissolvido na sombra, ficou, o coração aos trancos, as arterias a latejarem-lhe com violencia, a mão tremula sempre no cabo do revólver. Mas nada. Lá longe, na calma da cidade, um sino deu horas. Depois, lentamente, uma corneta tocou.

Luiz Gonzaga, impaciente, accendeu um cigarro, puxou o relógio: eram quatro horas.

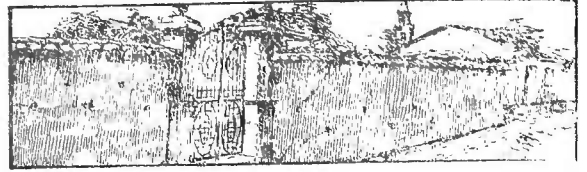
E voltando a considerar, convenceu-se de que fôra victima duma infamia. Passou-se meia hora. Passou-se uma hora. Nada. Luiz Gonzaga acabou por concluir que o haviam embaído. E dispunha-se a sair, já envergonhado, quando distinguiu o rumor quase apagado de passos cautelosos, que desciam. Aperrou o revolver. Esperou. Os passos, agora, eram mais nitidos. Um carroção passou rolando, fóra, no asphalto da rua.

E emfim Luiz Gonzaga pôde ver, á claridade incerta da lampada, um vulto que procurava a saída. Uma nuvem cegou-o. Puxou o gatilho da arma. A carga partiu. E um grito, que elle reconheceu de prompto, feriu-lhe o ouvido, enquanto a sombra cambaleante foi cahindo até ao passeio.

Luiz Gonzaga seguiu-o. Curvou-se sobre ella. Queria ver-lhe o rosto, já doido por uma suspeita tão grande que o fazia esquecer o proprio crime. E lá fóra, na luz azul da manhã, Luiz Gonzaga teve outro grito, maior, mais humano, mais doloroso. Era seu filho.

Recife — 921.

LUCILO VAREJÃO



O NATAL DE VOLTAIRE

Ha cento e vinte annos, Paris inteiro, os poetas e os philosophos, os sabios e os financeiros, os duques e a princeza, faziam a Voltaire a mais estrondosa das ovações.

As memorias do tempo contam, com minucia que, por uma clara quinta-feira de abril, M. de Voltaire, pela primeira vez, desde a sua chegada a Paris, deixando os vagos e amplos roupões favoraveis ás exigencias da doença e da estatuaria, vestiu-se e fez o que se chamava *toilette* inteira — grande casaca vermelha, forrada de arminho, immensa cabelleira á Luiz XIV, negra, não empoada, e tão basta que o rosto magro, amarello, enrugado, ficava n'ella tão enterrado, que só se lhe viam os dous olhos brilhantes como carbunculos; á mão, uma leve bengala, de recurvo castão de ouro, e, sobre a pyramide da cabelleira, no alto e coroando-a, um chapéo de velludo vermelho, quadrado e franjado, de plumas tambem vermelhas. E entrou na sua formosa carruagem, pintada de azul celeste, ponteados de estrellas douradas, que era chamada — carro do Empyreo. N'ella foi á Academia Franceza, onde se cumpriram, em honra d'aquelle espectro, todos os ritos da adoração academica. Ouviu o elogio de Bojleau, por D'Alembert e o abbade Defille leu fragmentos do seu poema, que ensinava «a arte de gosar, pintar e ornar a natureza».

Da Academia seguiu para a *Comedia Franceza*, onde, ao saltar da sua carruagem estrellada, foi acclamado pelos fidalgos e pelas damas que o esperavam. E, durante a representação, os applausos dados á tragedia, que era de Voltaire, retumbaram em explosões de adoração áquelle deus monstruoso, para quem sorriam, beatas, as mulheres mais formosas, como as Egypcias, resplendentes filhas de Pharaós, deante de um terrivel Ambis cynocephalo. E o deus foi para casa levando, pousada sobre a crina encaracolada da negra cabelleira, a corôa de louros que lhe deitou o principe de Beauveau; e, de todo o deslunbramento, levou dentro da cabeça, dizem ainda as memorias do tempo, a resolução de comprar casa em Paris e de escrever tragedias, muitas tragedias! As tragedias não as escreveu e, mesmo, aquella últi-

ma casa que a todos aguarda, elle não a teve logo em Paris, porque o levaram, d'ahi a dias, para ser enterrado nas vizinhanças de Troyes. E, quanto ás tragedias, eram outras as que a fidalguia, dentro em breve, ia ella propria representar, contra a sua vontade, mas sempre com elegante arrogancia no tablado da morte.

Todas aquellas cabeças, e muitas, que a guilhotina aguardava, julgavam-se bem seguras sobre os hombros elegantes, ou não, bellos, ou não, mas sempre orgulhosos, que, si abaixavam deante do Rei do Espirito, erguiam-se, impacientes e desdenhosas, deante das superstições e das ignorancias do passado.

Os filhos daquelle seculo chamado sceptico eram na realidade, profundamente crentes e devotos; tinham a crença firme de que estava acabado o christianismo e só reverenciavam aquelle que lhes tinha ensinado a nada mais venerar. E Voltaire conservava a certeza, que lhe dava o seu inaudito triumpho parisiense, de que a sua philosophia estava definitivamente victoriosa. E os seus velhos ossos gastos, torcidos do tempo, estremeciam de jubilo dentro do amarrotado pergaminho flacido que lhes servia de pelle, quando os seus adoradores, carregando-o, em procissão, largaram-n-o sobre o throno celebre da sua realza, a lendaria poltrona que é, hoje, para o povo, alem do boulevard e caes chamado Voltaire, tudo quanto recorda aquelle nome que encheu a França e a Europa.

Cento e vinte annos depois, os netos e os bisnetos do voltairianismo não sabiam onde estavam os ossos desse vencedor de Deus. E, não a reverencia, mas a simples curiosidade daquelles descendentes, levou alguns delles a baixarem á crypta do Pantheon, precedidos de um carpinteiro, para despregar e arrancar as táboas, na busca do esquecido, ou extraviado esqueleto, que a Revolução para alli trouxera de Troyes, de certo para que aquelle auctor e amator de tragedias pudesse ver as que se preparavam em Paris. Voltaire, cortezão do Reis e amigo de Principes, nunca amou os carpinteiros e, de todos elles, aquelle a quem mais odio votou foi um certo que teve, ha vinte seculos, a sua tenda em Nazareth. Um carpinteiro pregou e martellou o seu caixão, no seculo passado, e outro era, agora, trazido aos subterraneos de Santa Genoveva, para despregar o que seu collega, de ha cem annos, tão solidamente pregara. Um e outro não foram amaveis para com Voltaire.

No pó e na escuridão da crypta, Voltaire nada

viu, nem ouviu, deste seculo que ora acaba e cuja aurora elle queria advinhar como o começo do seu dominio incontestado e perpetuo. Por algumas horas, esteve aberto o caixão, e o craneo que o principe de Beauveau laureara e que sonhara immorredoura aquella corôa, passou, de mão em mão, entre os assistentes, que o manusearam e voltaram e examinaram com curiosidade e desconfiança, como fazem os frequentadores do Hotel Drowot, marfim supposto antigo, e todo encardido, sempre suspeito de falso e de artificialmente amarellecido em fraudulento banho de agua de tabaco. Si viram alguma cousa as orbitas sem olhos, si alguma cousa ouviram os ouvidos sem orelhas, por certo muito se admiraram do que viram e do que ouviram.

Em vez das elegantes casacas á Luiz XV, sobre longos colletes bordados a matiz; em vez de sorrisos cortezes nas faces impeccavelmente barbeadas, que eram as dos homens que deixara sobre a terra; em vez de expressivas cabeças empoadas; em vez de finas espadas pendentes, ao lado de calções de velludo; em vez de meias de seda e de altos sapatos afivellados d'ouro, — que viu Voltaire, na sombra humida daquelle adéga nacional, onde se guardam glorias?

Não havia entre aquelles inesperados visitantes uma só dama. Que era feito das parisienses? Nenhuma face gentil, avivada de emoção e de carmim, e com sua brancura realçada pelas *môscas* de seda preta; nenhuns olhos acesos pela curiosidade e pelo lapis negro buscavam com ancia, enthusiasmo e devoção, vêr o antigo deus, que estava alli a desencaixotar-se tão sem cerimonia, á luz de uma lanterna, numa fria e nevoenta tarde de dezembro.

E a caveira que, outr'ora, tanto sorriu, em resposta a outros sorrisos femininos, teve um certo despeito, vendo que não ia ser acariciada por nenhuns dedos rosados, nem commovidamente sopesada por finas mãos perfumadas.

— Já não me admiram, pois, as mulheres! Que estarão ellas fazendo a estas horas? A' força das luzes da instrucção, ter-se-ão transformado em sabias, em mathematicas, como a minha querida e massadora amiga Madame du Châtelet? Estarão todas nas bibliothecas, nos laboratórios, ás voltas com os livros, com os compassos e os alambiques?

— E estes senhores... Quaes senhores!

Estes alarves de barba inculta, todos vestidos de preto, quadrados dentro destas largas tunicas tão fechadas, tão negras e grosseiras, e tendo to-

dos, nas cabeças, esses tubos pretos... Quem são elles?... E onde vi en esses desgraciosos cylindros luzidios? Ah! já me lembra. Vi-os em estampas que, da Russia, me mandou a minha amiga Catharina... Os padres (ó infames!), na Russia, usam desses tubos... Creio, porém, que os trazem sem ábas... Terá a Russia conquistado a França e estarei eu (oh massada!) enterrado num mosteiro orthodoxo? Mas... neste caso, o que aconteceria á monarchia que andou a consolidar o meu amigo Frederico? Os russos não podiam ter chegado até cá, sem passarem por cima della e dos seus pantanos pomeranios, que elle chamava Reino... Estimaria, só para ver a cara do tal Salomão sem mulheres!... Quem será este sujeito que me segura agora pela minha nuca desarticulada e que está a dizer que me achia parecido com não sei que busto?

Os meus bustos foram feitos para se parecer commigo e não eu, que tenho de parecer com elles. Lá vou eu, ou, antes, lá vai a minha cabeça para as mãos calçadas de luvas sujas daquelle velho todo de preto, que tem ar de chim... Traz, porém, o botão vermelho de mandarim ao peito, o ignorante! em vez de o trazer no chapéo, como eu expliquei que é, e deve ser, no *Diccionario Philosophico*... Ai! cá estou. Muito mal educada é esta gente! E bem se vê que não são estrangeiros!... Muito mal falam; parecem todos de Marselha!... Quanta palavra que não entendo! Offerecem agora a minha cabeça ao exame deste outro...

— Merci, monsieur.

— Este, todo velhinho e tremulo!

Até se parece commigo!...

Quasi me deita ao chão!...

Tivesse eu a minha maxilla inferior, que aquella desazado deixou lá dentro do caixão, e mordia-lhe o dedo... com os dentes que não tenho!...

— Après vous, monsieur le directeur général des Beaux Arts...

— Porqué será que esta gente, tão feia, vem agora falar em bellas artes? Tão mal vestidos!...

— Avez-vous vu, tous, le crâne, messieurs?

— Uff! Até que, enfim me largam da cabeça!... Muito havia ella de doer n'outros tempos, si lhe dessem taes tratos!... Deixam-na, agora, sobre esta prateleira, enquanto estão a remexer naquelles ossos... Oh! Uma restea de luz!... Vejo por aquella pequena e estreita abertura, á altura desta prateleira, alguma cousa... E' a calçada de uma rua! Passa um carro muito grande, muito pesado, que tudo abala... puxado por uns

cavallos brancos, muito grandes, dos quaes só vejo as pernas...

— Que é aquillo? Passam rapidos uns pares de rodas, uma adeante da outra e de que vejo só a a metade inferior, e que apparecem, correm, desaparecem, sem que eu veja cavallo nem homem que as puxe... E' uma illusão da minha vista... Não ha mais milagres, e não será Voltaire quem acreditará que rodas possam andar assim, a rodar por Paris, sem o competente cavallo! Seria contra a razão e experiencia.

Escutemos, porém, este grupo de homens que estão aqui a cochichar, por baixo da minha prateleira:

— ... un chèque de 50.000 francs...

— Je suis pour les chrétiens, contre ces sales juifs!

— Que singular opinião! Mas que tanto estão a falar de judeus e de christãos!... São, de certo, sujeitos que se occupam da Historia e que discutem a Edade Média!...

Quem será este que pelo nome parece hungaro e de quem tanto falam?

— Um francez que escreve cartas insultando o exercito da sua patria, é um miseravel e um traidor!

— Isto, agora, é commigo!

Mais uma pequena canalhice daquelle pedante de Frederico, que, de certo, publicou uma carta toda particular e de amizade que lhe escrevi, fazendo troça dos soldadoes francezes que elle se regalou de bater em Rosbach!... Mas que tem isso?...

Na rua:

— Achetez... achetez... le numero de Noël...

— Noël?... E sempre as taes rodinhas a passarem... Lá vem uma carroça... Parece cheia de arvores, ou de ramos, como na Borgonha costuma vir enfeitado o carro que traz as ultimas cestas da vindima!... Mas não!... Parecem pinheiros... e tão verdes!... Parece uma pequena floresta andando!... Lembra aquella historia, tão ridicula, daquelle inglez barbaro e inintelligivel, que chegou até a ser representado (é incrivel!) mas que reduzi a nada... numa das suas chamadas tragedias, qual era o nome della? E como se chamava elle? Ah! já me lembro... Macbet!... E elle Shakespeare? E' isso! Pois, entre outras coisas comicas, fala elle de uma floresta que caminhava do alto do cabeço de um outeiro da Escossia para o acampamento do rei...

E pensar que cousas taes se representavam...

— Achetez! achetez! des arbres, de beaux arbres de Noël!

O craneo de Voltaire estremeceu e ia rolar da prateleira, quando um jornalista amparou-o. Pelo respiradouro do subterraneo, por onde Voltaire via aquellas arvores que caminhavam, entrou o grande som profundo e largo dos sinos da vizinha e antiquissima igreja de Saint-Etienne-au-Mont!

Vai-se encerrar o craneo de Voltaire!

— Andemos depressa! disse um membro da Academia Franceza. Não quero chegar tarde á igreja, para ouvir a conferencia do Advento, pelo abbé Frémont...

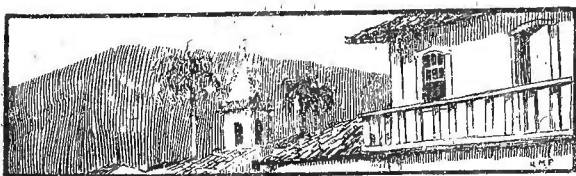
— Igreja! Advento!! Abbé!!!

O que restava do craneo de Voltaire estalou e os pedaços formaram um punhado de ossos esfarelados, que voltaram para a poeira pardacenta e para o môfo secular do caixão arrombado, que o carpinteiro (ainda o carpinteiro!) repregou a martelladas que resôaram na crypta.

Momentos depois, os exploradores de sepulcros desciam as escadarias do Pantheon e mergulhavam de novo dentro de Paris, através da bruma, ainda clara, da tarde de inverno. Calaram-se os sinos, e, dentro da igreja, o pregador começou a falar do eterno e proximo renascimento do outro Carpinteiro, daquelle proprio a quem Voltaire tinha matado, para sempre, em meados do seculo XVIII.

Janeiro — 1898.

EDUARDO PRADO



A E R M I D A

Certa vez, em diligencia, na comarca de meu primeiro emprego judiciario, no interior de Minas, longe de arraiaes e povoados, em montanhosa região de lavra de ouro, viram meus olhos, na pesquisa curiosa em que se apraziam dos panoramas e perspectivas, as ruínas de uns velhos muros, na orla de um bosque, já dentro da espessa matta sombria.

Que as fosse ver de perto e as visitar não m'ò permittiram guias e companheiros, que, timoratos, nem mesmo um rapido e fugaz olhar lançavam sobre ellas.

Porque?

— O sitio era malassombrado, as ruínas tinham sua mysteriosa historia tragica. Ahi nada pude obter que me contassem; ao passo apressado das alimárias espertas, passámos de largo. Mais tarde inquiri, busquei saber, e eis quanto me disseram.

Que intenção piedosa, ou que mão arrojada plantaria alli os quatro muros da pequena igreja, era cousa que ninguem sabia ao certo.

Lendas, inverosimeis algumas, phantasiosas todas, envolviam as tristes ruínas.

O sitio era soturno. A' meia encosta de uma collina que, logo após, se erguia, quasi a prumo, em rocha, escalavrada e limosa, pela altura, além, o accesso do santuario era dificultado por grandes blocos erraticos que se lhe accumulavam em torno. Por um lado, a dous passos, o solo abria-se num grotão, em cujo fundo referviam aguas, vindas por ignotos, invisiveis rumos.

Hoje, a mattaria investiu o templo, assaltou-lhe os pateos, crescia do interior, onde ruiam os tectos; apenas se erguiam as quatro paredes abertas em fendas, olhando, desconsoladamente, sem ver, para os quatro lados da terra, pelos vãos das portas e janellas, escancarados como orbitas vasias...

Dizia-se que nesse tragico lugar, um noivo, em accesso de paixão, tresvairado, sacrificára a esposa, que acreditára impura; e que, mais tarde, nas ansias do remorso e da duvida, viéra, penitente e louco, plantar um templo á misericordiosa Mãe dos homiens.

Outros prendiam a criação da solitaria capella á dôra de um velho pae, que numá alegre excursão de amazonas e cavalleiros, vira de improviso, o vulto da filha estremeçada resvalar nas lages e desaparecer no abysmo...

Corriam ainda outras versões; o certo é que bizarra fôra a idéa de erigir-se, neste agreste recanto a pequena igreja, cuja ruína lugubre a floresta ora envolvia. Por muitos annos vivêra, entretanto, essa ermida de extranha e mysteriosa origem e que teve não menos extranho e mysterioso fim.

Dos arraiaes proximos vinham alli satisfazer promessas. A invocação da Senhora da Serra era, por toda a redondeza, respeitada e tida por miraculosa. Romeiros piedosos entretinham, preparado para as cerimoniaes do culto, esse lugar sagrado, duplamente sagrado, pelo sentimento religioso e pela superstição do mysterio. Conta-se que muita dor arrefeceu, muito martyrio moral aliviou.

O certo é que na calma de seu retiro, o pequeno templo nunca estava abandonado; a lampada do santuario jámais deixaram que se extinguisse e, não raro, lá dentro, por dias e noites, velas e cirios ardiam, votivamente, numa crepitação solitaria.

Comtudo, não tinha a ermida um serventuario effectivo, nem mesmo um simples guarda; guardava-a e servia-a o respeito commum dos habitantes proximos.

E, do mesmo modo porque um dia a igrejinha apparecera, um dia perceberam os fieis que a ermida tinha seu cura. Um padre, ou alguem que um velho habito envergava, alli se havia installado.

Ao fundo, alguns passos distantes, sobre a rocha, construiu-se uma tosca, pequena casa, residencia do religioso.

E, sem que ninguem pensasse em inquirir quem era e de onde viéra, o improvizado vigario foi visto e acceito, num accordo tacito que o sentimento reciproco sellou.

Augmentou de tal geito o mysterio. Para templo, que não se sabia quem construira, chegara um cura, que se não sabia de onde vinha. E a fama da milagrosa ermida cresceu e dilatou-se. O ermitão não era velho, nem moço. Trazia n'alma, porém, a funda preocupação de uma dôr irreparavel, que de todo em todo, o prendia áquella religiosa empresa.

Não parecia creatura de nossos dias: depois que chegára, jámais o viram entregue a outro mistér senão o que o sacerdocio lhe impunha. Si bem que, de seu estado cousa alguma se soubesse, e já, de muito, houvessem desaparecido vestigios de tonsura, na exuberancia de uma cabelleira loira, que lhe sobrava na nuca e se confundia com a fina barba que lhe envolvia o rosto, geralmente o recebiam como confessor e celebrante.

A clientela dos fieis crescia: *ex-votos* cobriam as paredes internas da pequena igreja, cerimoniaes celebravam-se ameude, e, na sobriedade de seu viver, nada faltava ao cura para as necessidades materiaes da vida.

E desse modo, nesse entendimento entre fieis e pastor, foram passando annos, que crearam para o estranho ermitão a aureola de santidade, que a persistencia da vida austera e a dedicação exclusiva á obra espiritual, de mais em mais accentuava.

As missas de domingo, sobretudo, attrahiam maior concurrencia, a despeito da hora matinal em que eram ditas.

E assim seguiram as cousas, sem historia, na continuidade serena e uniforme dos dias e dos meses.

Mas, tudo acaba; tudo o que existe no mundo está marcado para acabar.

Certa manhã, num domingo, rezava, na compunção habitual, o eremita, a missa matutina. Não notára a assistencia, no momento, mas depois a circumstancia foi assignalada e confirmada por muitas vozes, que o celebrante manifestava, nessa clara manhã, uma abstracção maior, um ar de maior desprendimento dos aspectos materiaes do mundo.

Por vezes, em meio das orações, braços erguidos, parava o officio, como n'um extase, alheio á vida, alheio aos fieis; depois proseguia, arrasadamente, entregue, de todo, á sujeição espiritual do acto que celebrava. No momento da consagração, varios fieis commungaram, presos da emoção enorme que o aspecto sobrehumano do cura lhes transmittira na solemnidade do seu gesto e na dolorosa expressão de seu rosto.

Retirando-se, após, para o altar, preparou para si o corpo e o sangue de Christo; o pequeno acolyto, ao deitar no pobre calice o vinho, que o ritual prescreve, viu, surpreso, que, por sua vez o cura na mesmo despejou tambem o conteúdo de um pequeno frasco.

E a missa continuou. Feitas as orações, abençoado esse vinho, o cura tomou o calice e o absorveu de um trago. Não rezou mais: pousando o calice sobre o altar, ergueu os olhos para a imagem, na brancura de suas vestes e, alguns minutos após, levando a mão ao peito, prostrou-se e caiu pesadamente, ao chão.

Acercaram-no, atonitos, os fieis; olharam-lhe o rosto, apalparam-lhe o corpo: estava morto.

* * *

Como um pousado bando de pombos, que a subita queda de um corpo, em meio delles, dispersa, fazendo-os vôar, celeres, por direcções diversas, tal os fieis, desordenadamente, em panico, abandonaram a ermida.

Ninguem ousou volver atrás um olhar curioso e, cada qual, foi em casa, na segurança do lar, no aconchego dos seus, que parou e respirou.

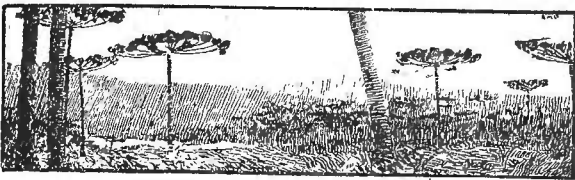
E dias correram e meses passaram e annos fluíram, sem que pessoa alguma se atrevesse a acercar-se da igreja mysteriosa. O corpo do cura sacrilego, alli encontrou o seu original mausoléu, onde, insepulto, esperou a acção fatal da decomposição. E esse novo mysterio envolveu, no vago de sua historia, a ermida mysteriosa.

Quando, passado algum tempo, chegou, de um longinquo logar, um bispo, cuja autoridade se desconhecia, decretando a interdição da solitaria e malassombhada capella, já sobre ella a superstição do povo havia feito pesar a sanção de um interdito mais efficaz e solenne.

O abandono dos homens estimulou a acção da natureza, entregue á sua expansão irrefreada.

O matto tomou os caminhos, envolveu as paredes, entredou em seu intrincado a pequena construcção, que, afinal, ruiu, sobrevivendo, apenas, na consistencia de uns muros e no mysterio, que no fundo das almas recalca, a ingenuidade primitiva da gente da serra.

RODRIGO OCTAVIO.



O PODER DE D. DOMITILLA

Quando Pedro I appareceu na varanda florida do camarote imperial, a sala de espectaculos comprehendeu que elle não sabia ainda do escandalo.

Era no Theatrinho Constitucional de S. Pedro, em setembro de 1824. Naquelle época era ali a platéa "chic" do Rio. Não havia, por bem dizer, theatro na cidade. O São João, que Fernando José de Almeida erguera, fôra lambido pelas chamas, a 25 de março daquelle mesmo anno, na noite em que se festejava o juramento da Constituição. O Theatrinho Constitucional, construido no largo do Rocio, entre as ruas do Pioho e do Cano, fôra feito por meio de subscrição entre a gente endinheirada. Só os subscriptores e os convidados da directoria podiam ali entrar em noite de espectáculo. Não se vendiam entradas; os convites andavam por empenhós.

Naquelle noite havia a recita quinzenal. E dez minutos antes do imperador chegar, estalara o escandalo que enchia toda a gente de oppressões.

Começavam as familias a entrar, quando á porta do theatrinho parou um carro. Era d. Domitilla de Castro, na sua desenvoltura de amante imperial. Correu pelo theatro um rumor de desagrado. D. Domitilla estava na phase culminante da antipathia popular. Havia mais de um anno

que o seu nome andava atassalhado na lingua da cidade. O concubinato de d. Pedro escandalizava a vida pacata e sisuda do Rio. O imperador caminhava no periodo mais intenso de sua paixão pela marquezia. Ao que se dizia, a imperatriz era ella: só ella governava, só se fazia o que ordenava a sua vontade. O pae, os irmãos e parentes da paulista, todos os dias subiam de postos e arranjavam gratificações que o Thesouro pagava religiosamente.

A cegueira de d. Pedro tinha ido a ponto de installar a amante a dois passos da Quinta da Boa Vista, quasi que deante dos olhos da imperatriz. Murmuravam-se as coisas mais chocantes. Contava-se que até o marido da marquezia se aproveitára da situação da mulher para atranjar a administração da feitoria de Periperi. Havia, quem garantisse que a boa paz já não reinava na Boa Vista: d. Pedro não tinha mais recato para com a esposa: a qualquer hora do dia ou da noite ia metter-se em casa da concubina, sem se doer das lagrimas de d. Leopoldina. Commentava-se ainda o caso que no anno anterior assanhou as linguas maledicentes da cidade: d. Domitilla tivera o desplante de ir metter-se na Quinta, no quarto do imperador, quando este quebrára as costellas naquella celebre quédia que a chronica mexeriqueira até hoje affirma ter sido uma "sóva".

Tudo e tudo daquelles amores arranhava as sensibilidades da população carioca: a falta de recato nas visitas que d. Pedro fazia á amante, a demissão de José Bonifacio, que se cochichava ter sido obra da marquezia, as festas pelo nascimento de Isabel Maria, a futura duqueza de Goyaz, que se diziam terem sido assistidas, em pessoa, pelo imperador; a condescendencia desembaraçada e lucrativa do pae de d. Domitilla, o processo de divorcio desta começado naquelle anno, a affronta que ella fazia á sociedade, apparecendo nas festas da fidalguia escrupulosa.

A cidade inteira odiava-a. As familias traziam-na atravessada á garganta, repellindo-a como se repelle uma mulher á tôa.

Para a sociedade do Theatrinho Constitucional a presença da marquezia era um insulto. Se ella chegasse a entrar na sala de espectaculos, quasi toda a gente se retiraria.

A directoria teve um gesto de alta coragem. Despediu d. Domitilla á porta do theatro. A desculpa foi secca e summaria: só ali se entrava por meio de convites e nenhum cartão lhe tinha sido distribuido. A marquezia metteu-se novamente no carro, tranzida de vergonha.

A sala do theatrinho fervia em commentarios, quando a figura altiva de d. Pedro surgiu na varanda engalanada do camarote imperial.

— Não sabe ainda.

— E se sabe conforma-se, murmurou-se aqui e ali.

Mas ao lado de sua majestade appareceu o "Chalça". D. Pedro voltou-se para falar ao valido.

Aquillo foi tudo muito rapido. A's primeiras palavras do "Chalça", a physionomia do imperador mudou de risonha a aspera. Um arrepio passou-lhe pelo corpo, todo elle se empinou nervosamente, batendo com os pés no taboado.

— Mas por que não me preveniram isso á entrada?

O "Chalça" continuou a contar. Parecia estar descrevendo a scena que humilhára a marquezia.

Os espectadores não despregavam os olhos da figura de d. Pedro. Agora sua majestade gesticulava como num accesso de raiva, saiu do camarote, foi até o corredor, tornou a voltar, a physionomia perturbada, gesticulando sempre. Parecia ter perdido as estribeiras. A um gesto seu o "Chalça" entregou-lhe o chapéo e, sem olhar o publico que o devoçava com os olhos, d. Pedro sae numa tempestade acompanhado do valido.

Os directores, ao vel-o seguir para a porta, querem-lhe ir ao encontro. E' impossivel. Já estava elle na rua e alcançava o carro que rodou apressadamente em rumo da Bôa Vista.

Na sala houve ao começo um estatelamento, mas, aos poucos, aquillo se foi mexendo como um formigueiro que se assanhasse. As damas não tinham socego. Com a chispa do escandalo nos olhos, erguiam-se a falar umas ás outras, cruzando-se entre as cadeiras enfileiradas. Grupos formavam-se e desmanchavam-se num momento.

A directoria, reunida em grupo no corredor, tentava deliberar. Toda a gente sabia do genio impulsivo do imperador. Moço, na embriaguez da paixão que o empolgava, era capaz de uma estralada violenta e de uma vingança infernal. Seria conveniente ir-se no dia seguinte á Bôa Vista dar-lhe uma satisfação qualquer. Uma mentira que fosse: poder-se-ia dizer que os directores, por um engano lamentavel, não tinham reconhecido a preferida imperial.

Na sala de espectaculos continuava o borboreio das saias. Havia um zumbido de cochichos. O nome da marquezia andava aos trapos, tézou-rado de grupo em grupo.

Em que ia acabar aquillo? D. Domitilla, poderosa como era, certamente não suportaria resignada uma humilhação daquella ordem. O impe-

rador, apaixonado como vivia, não ia deixar a amante exposta ás risotas publicas.

A coisa seria no dia seguinte...

Nesse momento a campainha retiniu. Ia começar o espectáculo. Os grupos desmancharam-se, toda gente correu para as cadeiras. A orchestra lançou os compassos de uma valsa da moda.

Todo o mundo espéra o panno erguer-se. Passam-se dois minutos, trez, cinco, dez. Um sopro de inquietação agita todas as cabeças. A sala entreatolha-se com uma interrogação suspensa. Que e? Que não é?

Torna a campainha a retinir lá dentro.

O panno sóbe. No palco está a figura contrariada de um dos directores. Desce até ao proscenio e fala:

— A directoria manda pedir desculpas ao publico. Não póde haver espectáculo por prohibição do intendente geral de policia.

No dia seguinte o Theatrinho Constitucional de S. Pedro era fechado por ordem do governo. Em menos de uma semana o predio foi comprado e os moveis atirados ostensivamente á rua.

VIRIATO CORREA



O A V Ô

Parecia-se com todos os vovôs. Seu maior prazer era brincar com os netinhos, principalmente com os bem pequeninos que ainda não aprenderam a rir-se delle e a desprezar-o.

Quando elle chegava arcadinho, auxiliando os passos tropegos com o bengalão de cabeça de cachorro esculpida no cabo, a miuçalla alvorçava-se e recebia-o com um só grito:

— O vovôzinho!

Precipitavam-se, soffregos, arrebatando-lhe a mão para a beijar.

Interesseirozinhos! não o faziam por affeição apenas; é que sabiam ser essa uma cerimonia preliminar indispensavel e procuravam libertar-se della o mais depressa possivel.

O essencial era o que vinha depois, isto é, a repartição das balas.

Isso era infallivel e mysteriosamente inexplicavel.

Como caberem tantas balas num só bolso?

E havia-as sempre, nunca os netinhos viram esgotada a provisão.

Como queriam bem áquelle velhinho, cuja imagem se lhes associava no espirito á idéa de boas guloseimas!

Além disso, vovô não era como todos os homens; era mais «complicado», carregando comsigo maior numero de coisas que lhes serviam de brincos: a boceta de rapé, o bengalão, o relógio, os oculos...

Os netinhos amavam-no e elle os adorava

Era de ver o gosto com que tomava nos joelhos um delles!

Fosse embora a mais disforme das criaturas elle o contemplava absorvido em extase, exclamando:

— Como é galantezinho!

— Tão bondoso o vovô! e tão esquecido!

Ao sahir deixava sempre qualquer coisa e essa qualquer coisa eram quasi sempre os oculos.

Áo afastar-se, gritava um dos petizes:

— Vovôzinho! os oculos!

E emquanto a criançada abria um côro de risos, elle os tomava com mão tremula murmurando:

— Esta minha cabeça! Tudo me esquece.

Um dia não houve repartição de balas.

E' que o vovôzinho morrerá.

Tão fragéis essas criaturas amadas, cujos cabellos o inverno da vida embranqueceu! Um sopro as leva, e, preenchendo o espaço da casa onde havia uma creatura animada, resta sómente uma recordação melancolica.

Foi a primeira vez que não houve repartição de guloseimas.

Levaram os netinhos o vel-o.

Quanta coisa a estranhar naquellê dia!

O vovô que nunca acordava, estirado na marquiza da sala da visitas; pessoas que choravam, outras que entravam e sahiram, pisando de mansinho.

A Dusica, netinha de tres annos, arregalava os olhos candidos, sem comprehender.

Sua só impressão nitida era a inveja que lhe causava o canivetê novo do Mello, unico meio encontrado de consolal-o da magua inconsolavel que lhe causava aquella desgraça.

No mais, em sua cabecita de anjo, tudo era confusão.

Por qué mettiã o bom avô num longo caixão negro? E depois, por qué o levavam?

Muitos homens descobertos sahiram da casa, carregando-o comsigo.

Dusica, sorprendida, vagueava em torno o olhar cándido.

Viu então sobre a mesa um objecto esquecido; e como de costume, correu á porta gritando:

— Vovôzinho! os oculos!

GODOFREDO RANGEL.



O TIO DA ESCOCIA

(A meu irmão Candido Drummond)

Eu — sem modestia e sem pezar o declaro — bem sei que não possuo o que propriamente se chama um nome literario, posto que tenha frequentado os prelos com uma assiduidade de que, sem duvida, se hão de lembrar, em tempo, os meus biographos.

Não é que também não conte as minhas glórias; conto. Uma tarde, na roça, ouvi uns versos meus recitados por um bando de moças a passeio por uma alameda. Se bem me lembro, já tenho uma ou duas descomposturas do “Apostolo” e de outra folha catholica. Enfim, com algum esforço, e revolvendo bem o passado, podia ainda enramar outros louros. Pois bem: valesse muito mais o meu nome que eu sem pena o trocára, como hoje.

A explicação deste acto encontra-se numa noticia ha mezes divulgada pela imprensa: — na Madeira, naquella ilha com que todos sympathizamos pela sua exportação engarrafada, estavam-se habilitando herdeiros de uma fortuna colossal, deixada por João Drummond, um fidalgo de sangue real, um emigrado politico da Escocia.

Ora, este homem illustre era, nem mais, nem menos, tio deste que se tinha por obscuro plebeu. Eu já sabia, por tradições de familia, que me girava nas veias o heroico sangue estocezo. A verdade Erin! já, muito antes da herança, eu estremeia de orgulho filial imaginando que ainda provinha d'aquella raça de bardos montanhezes; e, como bom descendente de Ossian, tinha um fraco pelos nevóeiros. Hoje não! vejam os senhores bardos se têm outro descendente! olha quem! uns miseraveis, que talvez fossem até salteadores! Nós descendemos dos Drummond, senhores de Stogbal na Escocia. Puro sangue real! Se não fossem certas prevenções, que nos ficaram dos nossos tempos de plebeu e republicano, escreviamos ao imperador chamando-lhe primo. E isto mesmo com certa generosidade: o nosso sangue é muito mais azul: da casa de Bragança dizem umas coisas, que nunca se atreveram a murmurar da nossa, de que Walter Scott fala tantas vezes.

Mais do que nós, porém, que ficámos olhando o vulgo muito de cima, aproveitou com a noticia um parente nosso, cuja historia ali vae, para maior gloria da familia.

É um rapaz gordo e forte, e chama-se Marcello. A' noite, parece ter trinta annos; á luz do sol, quarenta. Passou por todas as academias da capital, mas nunca passou disso; ultimamente era revisor de provas num jornal e, nas horas vagas, collaborador de varias confeitarias, secção balas de estalo. Vestia-se invariavelmente de preto, e era modesto como um prologo.

Este rapaz sempre teve a previsão da riqueza. Lia todos os testamentos no "Jornal"; só se apaixonava de herdeiras; e, sentindo uma preguiça superabundante, dizia á mãe: — Veja bem, que eu com certeza tenho sangue nobre.

Pelos fins do anno passado, a paixão de Marcello era pela filha de um titular da capital. O pae, cujo apêgo ás apolices não ha quem não conheça, nem desconfiava de que lhe cantavam os melros, todas as tardes num caramanchão do jardim.

Diga-se, para esclarecimento dos factos, que Marcello era um rapagão, e a namorada uma corujinha, que, se não fossem as apolices paternas, havia de se resignar aos sobrinhos.

Corriam assim as coisas quando, uma clara manhã, leu Marcello na "Gazeta" a noticia da vertiginosa herança do tio escocez. Logo depois do almoço foi visitar a avó, de quem obteve em conversa a genealogia da familia; mas não se falava do ascendente mais glorioso.

— Diga-me, atallhou Marcello, não tivemos parentes na Madeira?

— Tivemos, sim, e ainda temos. Hoje, os Tristões...

— Sim?! a senhora affiança-me isso? E nunca ouviu falar num parente nosso que veio da Escocia?...

— Pois não! isso mesmo! um emigrado...

Marcello saltou na cadeira e saltou ao pescoço da velha:

— Estamos ricos!

Leu-lhe a "Gazeta"; conversou-se ainda muito a respeito do grande homem; elogiou-se a honestidade da lei ingleza, que deixa fazer por tantos annos uma herança; e, quando sahiu, levou Marcello cartas e papeis velhos de familia, por onde se provava, pouco mais ou menos, o seu direito aos brazões e ás libras esterlinas do emigrado.

Essa noite, no colloquio do caramanchão, perguntou á menina das apolices:

— Que dirias tu, se te propuzessem um noivo de sangue real?

Ella fez-se modesta; isso não era para ella; e estava bem satisfeita com o seu.

— Pois o meu sangue é desses!

A outra não comprehendeu bem o alcance da noticia, e admirou-se menos do que convinha á magnitude do caso. Marcello insistiu e explicou; em summa, aquillo vinha abrir-lhe a porta da sala, aelle que só conhecia a do jardim: já se animava a falar ao papae.

Espalhou-se a nova, e no outro dia Marcello era interpellado a cada esquiua:

— Tu tambem és parente?

— E dos mais proximos!

— Então, millionario?!

— E nobre; accrescentava elle, levantando os collarinhos á altura da situação.

E aos que ainda não sabiam era o primeiro a dizer que descobrira ter sangue real. Um malevolo perguntou-lhe se isso vinha de Pedro I.

— Muito acima, corrigiu Marcello sem comprehender. Vem da Escocia. Não leste a "Gazeta"?

Entraram a surgir-lhe parentes por todos os lados, em todas as classes — na magistratura, no commercio, no magisterio, nas letras, na industria, na politica, na diplomacia. Eram apresentações todos os dias. Por uns e por outros, chegou a ser apresentado ao pae da menina, o qual lhe offereceu a casa.

lam de vento em popa as suas esperanças. Já se via em Botafogo e no Cattete, numa sala de decoração severa e antiga, onde passavam famulos de libré, a passos que os tapetes amorteciam; ou, voltando do theatro, no fundo de um "coupé" biazonado, rolando surdamente, enquanto lá fora faiscavam as ferraduras das parellias e os plebeus voltavam a pé, com as mãos nos bolsos e as golas levantadas.

E vinham depois os bailes do Casino, o Jockey Club, os passeios á Tijuca, os verões em Petropolis. E que horizonte politico! uma cadeira na Camara, o colleguismo das notabilidades, e, mais tarde, a curul do Senado, o direito de sentar-se ao lado de Octaviano e de pedir pitadas ao Sr. Abaeté e offerecer outras ao Sr. Jaguar, que não as dá.

Tinha tambem a ideia de proteger as letras, favorecer a empresa do "Cenaculo", alcançar uma

commenda para o Arthur de Oliveira e uma pensão ao Ferreira de Menezes para escrever mais a miúdo e outra ao C. — para nunca mais escrever! E, para mostrar-se bem do seu partido e da sua classe, machinava tomar a assignatura do "Apostolo"; e, se o apurassêem muito, era homem para uma conferencia na escola da Gloria: para a fazer e, até, para a ouvir!

Chegou a achar que era uma aliança desigual a sua com a corujinha das apolices, e pensou vagamente em uma f rmosura real, cujo retrato vira na almanak de Gotha, princeza da Dinamarca; mas isso não deixava de ser complicado; demais, conservava ainda alguns preconceitos democráticos: optou pela fluminense.

Uma noite, apresentou-se ao titular, com bom padrinho, e obteve a mão da namorada; mas o homem, pelo seguro, impoz que o casamento fosse depois de recebida a herança. O herdeiro dos Drummond sahiu desconsolado; acudiu-lhe, porém, uma esperança: conseguir logo da menina o que a prudencia paterna adiava. A primeira vez que se viu a sós com ella, disse-lhe que não podia esperar tanto pelo casamento, que o pae o offendia duvidando do seu direito, e insinuou perversamente que era capaz de levar a outra os seus braços.

Procurou tambem deslumbral-a com a exhibição do seu rico futuro: podiam ir morar para a Escocia, um paiz de legenda, um castello antigo entre os rochedos, entre a vegetação phantastica dos álamos e dos pinheiros, ouvindo á noite gemer a alma dos heroes nas lástimas do vento.

Ella achou bonito, com a condição de se pintar de novo o castello, e de pinhões não queria saber: sempre ouvira dizer que era muito quente; quanto aos phantasmas, podia-se fechar a janella.

Mas uma coisa ficou-lhe — a possibilidade, que elle mostrou de vir a ser conde. «A sra. condessa!», «a condessa de Stogbal!» já via os esplendores do seu luxo e a inveja das amigas. Lembrava-se da sua viagem á Europa, logo que sahira do collegio, e imaginava-se outra vez a bordo, nas tardes do tombadilho, na vasta alegria do mar, comendo ameixas passadas, sua gulodice predilecta. E via-se chegando aos seus dominios, esperada no seu castello, caminhando entre alas de velhos lacaios de libré; e havia de ter aias inglezas, asseiadadas e discretas, e uma musica suave, como a banda dos allemães do Passeio, que tocasse todas as tardes no pavilhão do jardim...

Não, positivamente, já não podia ser menos que condessa na Escocia; cumpria casar, e já,

para que outra não fosse condessa com o Marcello.

E' um velho recurso muito explorado e sabido, mas ainda assim infallivel com os paes de coração fraco: amou dias inteiros, sem comer ou comendo ás occultas, e chorando como quem não tivesse mais que fazer. Não havia meio de a consolar, senão dar-lhe Marcello; deu-se-lhe. Assim casou, ha mezes, este meu parente, primeiro que desfructa o tio da Escocia.

E' hoje outro homem: não entra nos cafés onde almoçava "de assobio", nem passa pelas lojas de roupa feita da rua do Hospicio; foi admittido ao Gremio do Bernardo, e já tem assignatura de camarote para a companhia lyrica a chegar. Breve o temos na Gloria. E vá se preparando o "Apostolo" para o milagre de mais um assignante.

No baile do casamento, foi visto a conversar com um ministro: suspeita-se-lhe a intenção de representar a nação por Matto Grosso ou Goyaz, ou de ser lente substituto na Escola Polytechnica, logar para o qual está provado que se não exige nem exame de francez.

Projecta uma economia que talvez o leve ao ministerio — supprimir a pasta da marinha. E nas horas vagas, que são hoje todas as suas horas, inventou um jogo em que se procura, não onde está o gato, mas onde está o barrete phrygio de certo jurisconsulto.

Tal era o homem que se perdia na obscuridade da pobreza e na ociosidade dos cafés, por falta unicamente de uma herança. Bastou-lhe a noticia de uma, eil-o elevado á altura do seu destino.

Encontrou-se commigo, ha dias, na rua, e já não me conheceu, esquecido, tão cedo, de que toda a prosperidade lhe veio do nossó tio commum. Deixa-te estar, villão, que tambem ha de chegar o meu dia; já a esperança, a musa prophetica, mais doce que o mantuano, segreda-me na hora dos sonhos: "Tu Marcellus eris". Tambem nós seremos gente, e nutriremos na alma civica a aspração generosa de ir salvando a patria a cincoenta mil réis diarios.

Até lá, perdoae-me, ó manes do meu rico tio, e fazei com que venha a mim, sem demora, o meu quinhão dos braços e mais das libras, principalmente das libras, de nossa illustre casa!

Rio, junho de 1878.

Lucio Drummond, esq.
LUCIO DE MENDONÇA

SUPPLEMENTO

**Avida anecdótica
e pittoresca dos
grandes escriptores**

Uma carta inedita de EUCLIDES.

A carta que iuserimos abaixo, escripta por Euclides da Cunha a Lucio de Meudonça — politico e juiz, estreitamente ligado a uma phase memoravel da existencia nacional, da propaganda abolicionista aos primeiros tempos de Republica — foi extractada de um caderno de rascunhos do estylista magnifico dos «Sertões», caderno dado por Euclides a um dos seus melhores amigos e admiradores de Minas, o Sr. Fernando de Faria Junior, de quem houve a Revista do Instituto Historico de Bahia a copia publicada.

E' um documento interessante, não sómente como um autorretrato moral do grande escriptor, como o registro de um instante decisivo desviando talvez a directriz de toda a sua vida publica, mas ainda pelo que nos apresenta, traçado em algumas linhas expansivas, da intimidade de uma figura como a do Marechal Floriano Peixoto, em um inesquecivel momento da historia brasileira.

«Li com o maximo interesse a sua carta de 22 oude estão alguns apontamentos sobre o *nosso homem*. Não se surpreenda com o desejo de conhecer taes pormenores, por parte de quem, (estudante militar e formando-se precisamente na epocha em que — em pleno poder — nos collocava acima de todos os homens deste paiz) devia-os conhecer perfeitamente. Explico: naquella quadra não calculei bem a situação; vi no homem apenas um dos muitos *soldats heureux* que entram estonteadamente na historia. Além

disto fui sempre um timido; nunca perdi esse traço de filho da roça que me desequilibra intimamente ao tratar com quem quer que seja. Dahi o ter perdido.

Aqui tenho um convite que leio hoje com tristeza e que na occasião recebi com indifferença. «29 de Janeiro de 1893. Euclydes — o Marechal precisa lhe fallar hoje. Pinto Peixoto».

Lá fui, constrangido na minha farda de 2.º tenente e atrapalhado com a espada. Encontrei o homem na sala de jantar, á vontade, e em um dos seus dias de expansão. A filha mais velha, D. Anua, que já naquella hora matinal estava junto a uma machina de costura — retirou-se logo depois que a cumprimentei.

E o grande dominador abriu-me a apertadissima pasta da sua intimidade:

— Veio em ar de guerra... não precisava fardar-se. Vocês aqui entram como amigos e nunca como soldados.

Decorei textualmente.

Agora meu caro Dr. Lucio, vá preparando o mais fulminante alexandrino das *Vergastas* para fulminar a minha horrorosa *inaptidão*. O grande doador de posições, referindo-se á minha recente formatura e ao meu entusiasmo pela Republica, declarou-me que *tendo eu direito* a escolher por mim mesmo uma posição, *não se julgava competente* para indicá-la... Que perspectiva! Basta dizer-lhe que estavamos em pleno despencar dos governadores estaduaes!...

E eu (nesta epocha estava sob o dominio captivante de Augusto Comte, e que isto vá como recurso absolutório) — declarei-lhe ingenuamente que desejava o que previa a lei para os engenheiros recém-formados: um anno de pratica na E. F. C. do Brazil!

Não lhe conto o resto. Quando me despedi pareceu-me que no olhar mortico do interlocutor estava escripto: *nada vales*.

E tive ainda a inexplicavel satisfação de descer orgulhosamente as escadas do Itamaraty, atravessar alegremente o saguão, em baixo, e sabir agitando não sei quantos sonhos de futuro... um futuro que desastadamente eu tinha destruido.

Conto-lhe o caso para que avalie a insciencia em que estava daquelle momento historico, o que explica a minha ignorancia actual.

Por isso, sempre que puder, sem que isto seja um compromisso que lhe tome o tempo tão bem empregado — transmita-me as suas impressões pessoais».



Geca Tatú na Argentina.

Da «Union», jornal que se edita em Buenos Aires, transcrevemos o artigo publicado pelo sr. Manoel Galvez filho, autor de «O mal metaphysico» e de outros trabalhos:

«E' incrível até que ponto a literatura no Brasil revela no paiz irmão os mesmos costumes que no nosso. Salvo no que se refere aos negros, as novellas e os contos dos grandes escriptores brasileiros — os Coelho Neto, os Medeiros e Albuquerque, os Afranio Peixoto, os Graça Aranha, os Alcides Maya, para só falar nos contemporaneos — poderiam ser argentinos com uma simples mudança nos nomes e a differenciação de alguns pormenores. Os escriptores que não fazem alli obra nacional e seguem as correntes francezas, também se assemelham áquelles dos nossos que se encontram no mesmo caso. E nos melhores criticos da nova geração — Mucio Leão, Ronald de Carvalho e Tristão de Athayde — observamos uma rara analogia de sensibilidade e de cultura com os mais intelligentes dos nossos criticos contemporaneos, com a ressalva de serem bastante superiores os brasileiros, pois os criticos argentinos, de quem deveremos esperar grandes coisas, começam apenas sua obra, sendo ainda muito jovens.

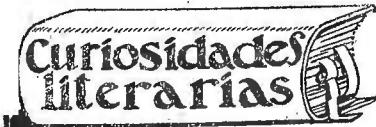
Essa semelhança entre nossos costumes e os do Brasil já foi assignalada pelos criticos brasileiros que escreveram sobre a traducção do «El Mal Metaphysico», editada no Rio de Janeiro, e sobre outros livros meus que leram no original. Porém, para

nós, nada ha tão revelador a esse respeito como "Urupés", o vigoroso e solido volume de contos de Monteiro Lobato, que acaba de apparecer em Buenos Ayres vertido por Benjamin de Garay.

Em "Urupés", que não é somente uma colleção de contos, encontramos os mesmos vícios da nossa vida nacional. Vemos apparecer alli a ruim politica, a pessima administração, a miseravel existencia das classes pobres. Tudo quanto Monteiro Lobato refere do mestiço, na penetrante analyse com que abre o volume, pôde applicar-se aos nossos "paisanos": a mesma preguiça, identica falta de aspirações, egual ignorancia e superstição. Aquelle Géca Tatú, celebre já no Brasil, onde o nome da personagem creada por Monteiro Lobato deu ensejo ao apparecimento de uma serie de vocabulos typicos, não é outro senão esse Juan Pueblo, esfarrapado e bruto que vemos, de quando em quando, nas caricaturas das nossas revistas illustradas. E, quando Géca Tatú, aconselhado a pôr uma cerca em seu rancho, coisa facil "havendo por ali tanta madeira", responde com o musulmano "não vale a pena", não estamos onviudo os nossos "criollos", a todos os nossos "criollos", desde os de Jujuy até os do Pampa?

E o protagonista desse conto mag-nifico, tão cheio de humorismo como os melhores de Mark Twain, que se chama "El gracioso arrependido", não se parece, tal uma gotta a uma gotta, com os nossos "graciosos" provincianos? O joven medico audaz e intru-ção, de "Police verso", não terá porventura entre os seus collegas argentinos, innumerados similes? E vendedores, como aquelle do "El comprador de haciendas", outro conto bellissimo, não haverá muitissimos em nosso paiz? O livro do Monteiro Lobato que não é apenas muito interessante e cheio de talento, senão que por igual contem muitos ensinamentos para todos nós, leva-nos a repetir a conhecida phrase de Saenz Peña: "Tudo nos lue, nada nos separa". Os mesmos defeitos nacionaes e as mesmas virtudes; identicas esperanças e identico futuro. Poderá duvidar alguém que o Brasil seja um povo irmão, e que devemos conhece-lo e amal-o, abandonando para sempre as estupidas rivalidades, indignas de nações democraticas, que devem olhar para o porvir e realizar os ideaes dos tempos modernos?

MANOEL GALVEZ ELBO



Ponson du Terrail, poeta.

A França commemorou este anno o cinquentenario de Ponson du Terrail. Ainda se encontram muitos fanaticos do romance de acção que lêem e devoram o «Rocamboles» e a «Mocidade do rei Henrique». Ninguém, no entanto, se podia gabar de haver lido versos do intrepido narrador. Aliás, parece que sómente uma vez na vida fez elle versos.

Será curioso ler esses versinhos do

folhetinista que, galhardamente, em cinco grandes jornaes, mantinha nada menos que cinco folhetins...

Em 1863, Frederico Thomaz publicou um volume de phantasias, intitulado — «Les vieilles lunes d'un avocat», enviando um exemplar a Ponson du Terrail.

Este agradeceu nos seguintes termos:

Après cette lune en bas âge.
Qu'on nomme la lune de miel,
Et qui se montre dans le ciel.
Aussi fuyante qu'un nuage.

La lune rousse vient, dit-on,
Eclairer le seuil du poète;
Mais en dépit du vieux dicton,
Ma lune rousse est incomplète.

J'ai reçu, mon cher Avocat,
D'aimables vers, un charmant livre,
Qui tout à l'heure vont me suivre
Sur mon vieux galet d'Étretat.

Sur la falaise de granit,
Si la mer déferle avec rage,
Si les colères de l'orage
Me font tressaillir dans mon lit;

Tandis que le vent sur les dunes
Roulera les flots en courroux,
Je lirai, moi, vos «Vieilles lunes»
L'œil et le cœur tournés vers vous!

O mais interessante é que ahi se agradeceem «os versos amaveis». Ora, o livro é em prosa! O poeta agradecia sem o ter aberto. Mas, que importa? Rocamboles fez dessas e peiores que essa.

Ponson morreu de variola, quasi repentinamente, pouco tempo depois da guerra franco-prussiana, que figurou como capitão de guardas territoriaes.

O «tactilismo»,

Poemas de vidro, estanho,
papel, seda, escovas...

Antes de fazer ruido no mundo, as conferencias de Mariuetti começaram por fazel-o na sala: é mais certo. Nisso parecem-se com as sessões «dadáistas». Mas o futurismo e o «dadáismo» são irmãos inimigos. Não se vive senão oppondo-se a alguém ou a alguma coisa. E esses grupos de esthetas são candidatos à existencia. Nada demostia que o consigam, bem que desenvolvam um trabalho enorme para dar na vista. A creação de uma obra-prima seria menos laboriosa: é verdade que a boa vontade para tanto não basta. Enquanto não vem o successo, houve ha pouco, em um dos theatros de Paris, violentos recontros, em que, ás bicadas e esporadas como numa rinha, se viram, de um lado Marinetti e do outro Francis Picabia e Tristan Tzara, que se julgavam feitos para bem se entenderem. Não foi menor a surpresa — diz um jornalista — ao vêr-se a sra. Lara estrear num papel conciliador. Entre os dois campos, interpunha-se ella, a reclamar silencio. Artista original, que sabe variar os seus effectos, ella defendia a ordem publica.

Nos seus pões Marinetti um pouco mais de logica. Esse pretense futurista propõe systematicamente o regresso à barbaria. Não se admira que seja belicista. Quería queimar os museus, arrazar os monumentos, destruir os vestigios do passado: mas isso seria para nos conduzir muito mais longe. Seu horror ao passado só a-

meaça a civilização. Um passado mais longinquo, a idade das cavernas, por exemplo, lhe agrada muito. Sabe-se que elle emprehendeu substituir a musica pelo ruido e que fundou orchestras de «ruideiros». Essa conquista vem restaurar em nossos dias a arte dos sons tal como a podiam cultivar as multidoes selvagens em estado de excitacão delirante. A semelhança dos adeptos do verso livre, sem unidade metrica, Marinetti se fez partidario da «palavra livre», sem syntaxe nem sentido, oppondo assim ao «vers-librisme» o «mot-librisme». Palavras isoladas, sem syntaxe nem sequencia, sem formar sentenças nem phrases, mas uma serie invertebrada e desordenada de interjeições: é mais ou menos o balbuciar de uma criança de dezoito mezes. Mas porque para em tão bello caminho? Ha melhor. Ha os vagidos do recém-nascido e os simples gritos dos animaes.

A ultima invenção de Marinetti é o «tactilismo». Não se sabe porque desencadeou tempestades naquella reunião e levantou protestos dos «dadáistas»: parecia destinada a agradar-lhes. O «tactilismo» é uma arte nova, evidentemente fadada a supplantar todas as artes de outrora. Estas, para os seus fins, utilisavam-se das sensações visuaes e auditivas. Fora da moda. Não estamos cansados de servir-nos dos ouvidos e dos olhos? Não nos capacitamos da inandade das obras que se dirigem ao espirito por intermedio desses sentidos «passadistas»? Sejamos cegos e surdos: eis o progresso. Marinetti, que tem tacto, não admite senão as sensações do tacto. A obra de arte do futuro compôr-se-á de «taboas-tacteis» e «tetas tacteis», sobre as quaes passaremos as mãos. Por uma sabia disposicão de materias taes como «papel de vidro», «papel de estanho», escovas, seda e penugens, evocarão os nossos dedos uma multidão de coisas bellas e provocarão ineffaveis voluptas estheticas. Marinetti já é actor de um «poema tactil» — «Sudan-Paris» — que encerra em alguns decimetros quadrados de estofos, de plumas o de papel toda a desolação do deserto e toda a febril alacridade da grande capital.

Marinetti irria, decerto, muito, se se lhe discutisse seriamente a faccisa. Raciocina como geometra mystificador. Desde que tem cinco sentidos, porque só dois seriam instrumentos de arte? Baudelaire e Huysmans imaginaram symphonias de perfume, mas desde logo se tornou evidente que não se iria longe nesse caminho. Quanto à cosinha, é uma arte, respeitavel, mas sem pretensões a abalar a pintura e a musica. O tacto é ainda imenos capaz de cultura artistica, porque é o sentido mais rudimentar e mais grosseiro, como o explicou Taine em seu tratado da «Intelligencia». Apenas é susceptivel de impressões primarias, ás vezes intensas, mas monotonas e pouco apprehende para o espirito. É precisamente o que devia encantar Marinetti. Mas resta-lhe ainda um passo. O seu «tactilismo» suppõe um systema nervoso organizado. Na primeira occasião, elle nos propôr, sem duvida, como suprema asencção para um glorioso futuro, uma arte accessivel aos organismos absolutamente primitivos e que nos ha de pôr, enfim, ao nivel dos protozoarios.

Um discurso proferido pelo grammophone.

Antonio Torres, que se acha em Londres, enviou para a «Gazeta de Noticias» interessante carta em que trata da festa anniversaria do «Daily Mail», um dos maiores jornaes do mundo, o qual se publica na capital da Inglaterra. Foi um banquete de sete mil talhoes, offerecido aos empregados do jornal. E' claro que um discurso, proferido por voz humana, não seria perfeitamente ouvido numa reunião a-sim.

«Mas — escreve aquelle jornalista — não se assustem que para tudo tem remedio a Civilisação. O discurso do Visconde Northcliffe foi pronuciado grammophonicamente. Sua Excellencia passou um dia nas officinas da «Gramophone Company», em Middel-lesex, onde, sob a direcção de um tecnico da companhia, o sr. A. G. S. Clark, foi feito um «record» todo especial. Deste «record» tiraram-se cinco copias, que foram reproduzidas em grammophone no Olympia, sendo que o volume da voz era espantosamente ampliado por um «Stentorphone» provido de cinco immensas campanas, de sorte que em todos os cantos da casa o discurso podia ser ouvido perfeitamente. O mestre de brindes (toast-master), um consideravel senhor chamado W. Knightsmith, usou de

um «Radio - Megaphone». Fallando dentro deste terrifico instrumento, que estava ligado ao «Stentorphone» suas palavras poderam ser ouvidas por todos. Façam idéa do que não seria esse pandemium do Olympia...

Mas, em summa, que teriam metallicamente vociferado esses infernaes instrumentos «on behalf» do Sr. Visconde Northcliffe?

Melhor seria transcrever alguns trechos do seu grammophonico «speech». Como, porém, esse discurso, além de longo, refere-se mais à vida dos 3.000 trabalhadores do «Daily Mail» do que a assumptos de ordem geral, transcrevo apenas os seguintes trechos, extrahidos do discurso supplementar feito pelo Visconde Northcliffe, em resposta a um brinde tambem supplementar que lhe fizeram — porque apesar dos previos avisos em contrario, a oratoria britannica não deixou de explodir, como convinha e era de esperar depois das vastas libações que regaram aquelle ágape...

«Quero tambem dizer algo acerca do futuro do nosso officio. Creio que por enquanto elle está apenas no começo. Confio em que poderemos ainda produzir melhores jornaes, e dar emprego a maior numero de gente, e um dia faremos um festim duas vezes maior do que este. O progresso da imprensa britannica no ultimo quartel do seculo, um pouco, cuida

eu, devido ao «Daily Mail», tem sido immenso. Nós todos estamos passando actualmente por um periodo de prova, de que emergiremos, dentro em pouco. O mundo está perturbado por crises de trabalho intimamente ligadas com a Imprensa, em vista da principal ser a do carvão. Quando se dispersarem essas nuvens, olharei para a frente mais confiado numa era florescente e que exigirá mais estímulo. Congratulo-me com os organisa-dores deste banquete, e especial-mente com os sts. Lyons, os quaes realisaram o que eu acreditava quasi impossivel».

O sr. Northcliffe tambem reconheceu que, apesar d'ô seu jornal ter uma venda inegualada mesmo nos Estados Unidos, lêem-se menos jornaes na Inglaterra do que naquella Republica e na Alemanha; entretanto elle supõe que o seu jornal será ainda mais lido depois que lhe chegarem as machinas aperfeiçoadas que está esperando...

E cá fiquei eu scismando, sózinho e à noite, como o poeta, numa outra terra, tão vasta, tão distante, tão vasta e tão amada, onde a Imprensa é ainda, com alguma coisa vaga, inde-cisa e embryonaria, minusculeta como um atomo de grão de areia, e cujo orgulho inaudito de professor de ar-raial nem sequer pôdo já ser comparado ao da ra' deante do hoi'...



SIMÕES PINTO.

Ninguém tão querido em São Paulo, nas rodas literarias, como Simões Pinto. Grande espirito, a sua influencia se fez sentir longe e, ainda agora, já desapparecido do numero dos vivos, não será difficil descobri-lhe traços. A sua obra, entretanto, de jornalista e poeta, pelo proprio autor esquecida, não tem a divulgação que merece. O jornalismo se sobrepoz à poesia e — na impossibilidade e ingratitude do — mister deixou apagar-se, indifferentemente, o nome do homem.

Um capricho do acaso, porém — capricho de bebelior que, na inconsciencia com que merca alfarrabios, descobre às vezes preciosidades — trouxe-nos aos olhos alguns fragmentos da obra do poeta. Era uma brochurinha, quasi esfrangalhada. Paginas pardacentas, impressas a vermelho. Avidas mãos, de um apaixonado, talvez, destacára do texto algumas folhas, das melhores, decerto... Mãos impiedosas e perversas! Mas, quem sabe quanta alma não, foi nesse gesto brutal? Livro raro, avaramente guardado, alguém o pillára de surpresa e lendo-o às pressas, foi-lhe surripiando o melhor, naquella iniquitação de quem, sabendo-se criminoso, não sabe fugir ao crime.

Assim, podemos hoje offerecer aos leitores alguns versos da «Carmina»:

FONTE DE AMOR

Fonte pura de amor, crystalina e sonora!
 Bocca que enche de inveja o favo das abelhas,
 Quando, rubra, a tremer, mil perfumes dissóra,
 Num sorriso aromal de papoulas vermelhas!
 Abre os labios em flôr, irmã gêmea da aurora!
 Faz brilhar de zôso as lubricas scentelhas!
 Abre os labios em flôr e, sorridente, agora,
 Da-me o beijo febril em que a volupia espelhas!
 Quero sorver o mê e o aroma dos teus beijos,
 O' bocca que sorris, transformada em colmea,
 Das abelhas gentis dos meus loucos desejos!
 Da-me o beijo febril que as forças revigora,
 Bocca cheia de graças e de candura cheia,
 Fonte pura de amor, crystalina e sonora!

IMPERIA

Essa que ali vai, a passo tardo, lento,
 E que, em seu rosto, a tísica retrata,
 Sofro, em segredo, um intimo tormento
 Que, pouco a pouco, lentamente, a mata.
 Ninguém sabe avaliar o soffrimento
 Que a su'alma espesinha e que a maltrata.
 Sem proferir um unico lamento,
 Do bulicio do mundo se recanta!
 Dizem, porém, que um trovador de esquina,
 Com seu beijo, alta noite, polluiu
 Dos labios seus a candidez divina.
 Data d'ahi a sua desventura:
 Na expiação do erro em que cahiu
 Vive cavando a propria sepultura!

BELLEZA MORTA

Essa, que eu amo, esculptural Camena,
 Typo ideal, belleza soberana,
 Não tem a vida da mulher morena!
 Não tem a cor da venus ottomana!
 Lyrio entreaberto quando a noute amena
 A linpidez do céu azul empana,
 Possui, no rosto, a pallidez serena
 Da luz pratenda que do luar dimana.
 Não tem no olhar a claridade ingente
 Que banha a terra quando o sol, no Oriente,
 Sacode o pó da cabelleira casta.
 E eu que idolatro essa belleza morta,
 Sei que ella me não quer; porém que importa
 Tenho-a no coração! Isso me basta!

BANDOLINISTA

Toma do plectro e o bandolim, queixosa,
 Ella que tange sonorosamente;
 Gemem as cordas, sob a mão nervosa,
 Numa «berceuse» harmonica e dolente.
 Então mihi'alma, tímida e medrosa,
 — Alma de poeta, sonhadora e crente! —
 Em extasis se queda, como a rosa
 Ao doce murmúrio da água corrente.
 E, enquanto as notas perdem-se no espaço
 Eu desejo, de palmas e de flores,
 Um turbilhão de por no seu regaço
 E, à frente augusta e genial de artista
 Um diadema de rútilos fulgores!
 Um diadema de ópala e de amethysta!

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL		F. T. DE SOUZA REIS	
A Pulseira de Ferro (novella)	1\$000	A Divida do Brasil (estudo historico)	4\$000
Um soneto de Bilac (critica)	2\$000	WALDEMAR FERREIRA	
MONTEIRO LOBATO		Manual do Commeciante	8\$000
Os Negros (novella)	1\$000	Estudos de Direito Commercial	10\$000
LÉO VAZ		A Hypotheca Naval no Brasil	3\$000
Ritinha (novella)	No prélo	AUCTORES DIVERSOS	
GUSTAVO BARROSO		O que todo o commeciante precisa saber (10.º milheiro)	2\$000
Mula sem cabeça (novella)	No prélo	Almanach Commercial Brasileiro de 1918	6\$000
A. DE SAMPAIO DORIA		NICOLAU ATHANASSOF	
O que o cidadão deve saber (10.º milheiro)	3\$000	Os Suinos, manual do criador de porcos (2.a edição, 8.º milheiro)	3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATU, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i>		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i>	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i>	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i>	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offercer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possivel. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$ centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

A Pulseira de Ferro por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima", — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

Os Negros por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

Ritinha por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

Mula sem cabeça por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de:

Coelho Netto,

Afranio Peixoto,

Waldomiro Silveira

Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

**Sociedade Editora
Olegario Ribeiro**

Rua Dr. Abranches N. 43
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).